

# JORNAL DA FRENTE



Jornal da Frente Nacional de Oposição Bancária - Julho/12 - Ano 02 - nº 02

## PRA FRENTÉ É QUE SE ANDA

**Reposição das perdas já! 26% de reajuste para todos, negociação das perdas históricas dos bancos públicos, isonomia de verdade e estabilidade no emprego**

**E**ste ano, inúmeras categorias já saíram às ruas e as greves das polícias, dos ônibus, do metrô e dos professores tomaram conta do país. Agora é a vez dos servidores federais, começando pelos professores e servidores das universidades, e seguidos por agentes de saúde, médicos peritos e trabalhadores da maioria dos ministérios pararem o Brasil.

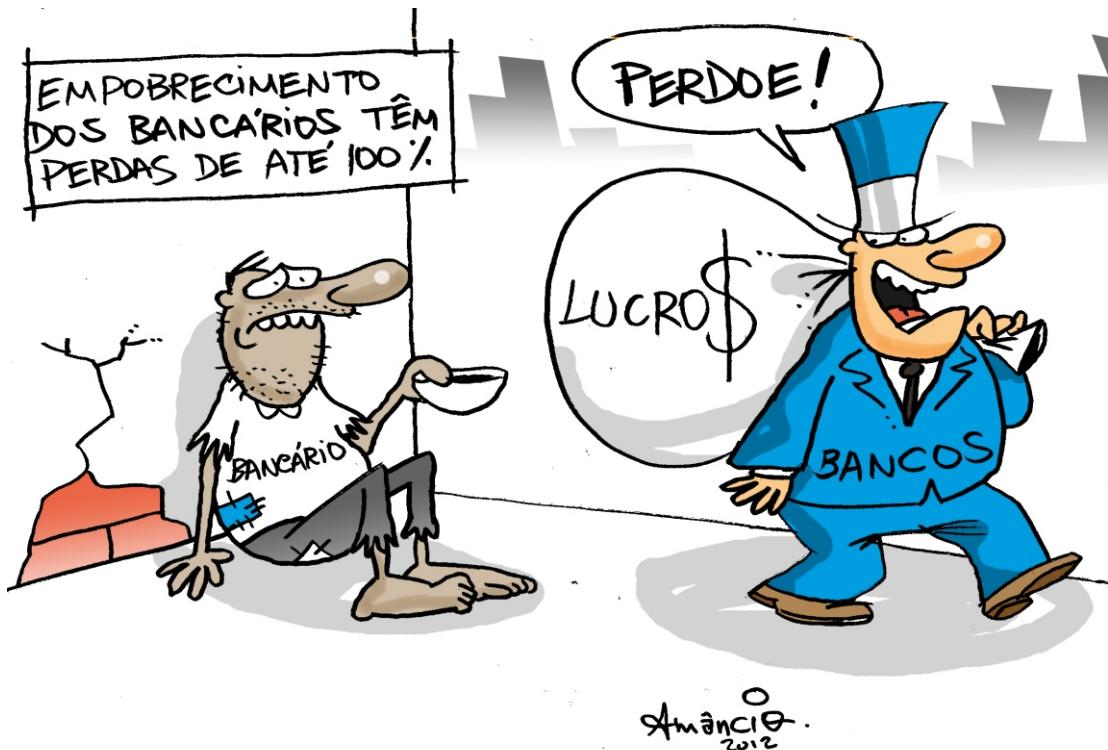
São os trabalhadores lutando pela recomposição salarial, que não é apenas a inflação e mais uma migalha qualquer. O que pedem os manifestantes, de todas as lutas até agora, são novos planos de carreira, pisos salariais bem mais altos que seus salários atuais e reajustes significativos, sempre acima de 22%. Este deve ser o exemplo para os bancários, que chegam a acumular perdas salariais de mais de 90% desde a criação do real, em 1994.

Em apenas uma geração de bancários, perdeu-se quase metade do poder aquisitivo, dependendo do banco, e todos somos vítimas de uma sobrecarga de trabalho nunca antes vista, nem sequer de perto, do que sofremos hoje. Apenas Itaú e HSBC demitiram 7 mil funcionários neste ano, que sequer chegou à metade das suas pretensões! A enorme e acelerada bancarização nacional e a explosão do crédito não foram acompanhadas por mais empregados e o resultado é um assédio moral impressionante, recorde de colegas doentes e metas inatingíveis.

Enquanto isso, os lucros dos banqueiros duplica a cada 3 anos e o sistema financeiro adquire cada vez mais poder, comprando empresas, fábricas, terras e influência política. Apesar disso, o discurso dos bancos é de jogar a crise econômica nas costas dos trabalhadores, auxiliados pelo governo Dilma, que é o primeiro a arrochar salários, atacar grevistas e demonstrar intransigência na negociação com quem busca apenas o que é seu.

A Frente Nacional de Oposição Bancária não vai cair nesta enrolação e está organizando uma campanha alternativa, independente do governo e dos patrões, democrática e pela base, construída pelos colegas que cansaram de pagar o pato enquanto geram as fortunas que os bancos acumulam todo ano.

Ao contrário da campanha com roteiro pronto da Contraf/CUT, que já dá a largada pedindo pouco para fechar por menos ainda e não ter que contrariar os banqueiros nem o governo, a



Frente Nacional de Oposição Bancária defende que a luta desse ano seja para valer, como há muito tempo não vem sendo.

Defendemos a luta com toda força por um reajuste de 26%, que corresponde ao mínimo que o conjunto dos bancários perdeu nos últimos anos. É uma mentira falar em "ganho real" quando mal repomos a inflação do ano que passou e nem tocamos nas perdas que empobreceram o bancário neste tempo todo. Para os bancos cujas perdas são ainda maiores, defendemos um calendário de recomposição integral destes percentuais, conforme tabela ao lado\*\*\*.

Da mesma forma, a campanha da FNOB prioriza a obtenção da isonomia, que vem escorrendo por nossos dedos a cada campanha que passa. Na maioria dos bancos, há dois tipos de funcionários que fazem as mesmas coisas: com direitos históricos como a licença-prêmio, anuênios e outras vantagens, e os que não têm mais nada, que já viraram maioria. Chega de

sermos enganados com a promessa de isonomia via Justiça ou Congresso. É só a força de nossa luta quem pode obter a isonomia, de verdade. Foi na greve que o banco do Pará, o BRB e os Correios conquistaram a isonomia ou pontos essenciais dela, e disso não podemos abrir mão em 2012. (acrescentar a conquista de avanços na isonomia pra podermos fechar acordo)

E outro ponto imprescindível é a luta pela estabilidade no emprego. Os bancos privados têm promovido um terrorismo brutal sobre seus empregados e a cada semana há uma nova lista de bancários demitidos no Itaú, Bradesco, Santander e HSBC. Este item não pode ficar para depois. Como os metalúrgicos e outras categorias já impuseram em mais de uma greve, os bancários só podem encerrar esta campanha salarial com um acordo claro que garanta a estabilidade total de emprego a todos os funcionários enquanto viger o próximo ACT. (acrescentar a figura do delegado sindical nos privados).

# 4º Encontro da FNOB mostra que cresce alternativa por fora da Contraf/CUT governista

Reunião entre sindicatos, entidades e grupos de oposição acontecem em Belém/PA

**O**s bancários que estão cansados das negociações de compadre entre a Contraf e o governo, quando se monta uma enorme pauta e não se conquista nada, têm uma opção nesta campanha. Ao invés de anunciar uma vitória atrás da outra onde os bancários só enxergam mais trabalho e dívidas, a FNOB propõe lutar por conquistas reais, como muitas outras categorias estão fazendo.

E é com este objetivo que os sindicatos do RN, MA e Bauru; entidades como a AEBA (Associação dos Empregados do Banco da Amazônia), AFBNB (Associação dos Funcionários do BNB), Associação dos Funcionários do Banco do Pará e ANBERR; e oposições organizadas em SP, DF, BA, RS, PE, PA e PI estão juntos para divulgar que é possível mudar esta história. Por que se contentar em pedir cerca de 10% para assinar por 7% uma campanha em que temos tanto a conquistar?

No Encontro da FNOB, decidiu-se por antecipar a discussão sobre nossa pauta, sem

esperar o mês de setembro inteiro por isso. Este ano há eleições, e é preciso pautar a situação dos bancários antes disso, como forma de pressão. Por isso, defendemos começar imediatamente esta discussão nas bases bancárias, com o indicativo de greve, em caso de não se atenderem nossas reivindicações, para o dia 18 de setembro, como data limite!

Esta luta deve ser controlada pela base, através da exigência de assembleias diárias para discutir a situação da luta e organizar atividades de fortalecimento da greve. E os comandos de base, tanto em cada estado, como em nível nacional, devem ser formados de modo amplo e democrático, aberto à base. São estes comandos de greve de base quem devem eleger os representantes de cada local para negociar com a Fenaban e a direção dos bancos.

Nossa pauta de reivindicações, é baseada nos pontos mais necessários dos bancários e propomos que façamos uma mobilização unificada e

mais forte que qualquer campanha que já foi feita pelas entidades governistas que controlam o movimento bancário. Esta campanha deve iniciar mais cedo, pedir muito mais e ser controlada pelos bancários, de forma independente dos interesses do governo e de seus partidos no movimento.

Somo a favor de negociar a pauta dos bancos separadamente, refletindo sua realidade concreta, desde o início, acabando com a mesa única que só serve para nivelar todos por baixo, manter as perdas de todos os bancos e esconder a responsabilidade do governo Dilma no arrocho dos bancos públicos. Isso só interessa à Contraf/CUT e aos patrões.

A FNOB propõe que mantenhamos e aprofundemos a luta juntos, de verdade, com assembleias conjuntas, piquetes e atividades comuns, com uma greve fortalecendo a outra. Mas sabendo negociar em separado cada pauta, ganhando o máximo em cada uma das negociações.

## Confira os principais eixos da pauta alternativa e se junte à Frente de Oposição

- **Reposição das perdas já!**
- **Isonomia**
- **Plano de reposição de perdas**
- **Incorporação da comissão com 5 anos de função**
- **PLR 25% linear**
- **Fim da mesa única**
- **Delegados sindicais em todos os locais de trabalho e nos bancos privados**
- **Estabilidade nos bancos privados**
- **Piso do DIEESE**
- **Não pagamento /compensação dos dias parados**
- **Contra o assédio moral**
- **Retorno do dirigente sindical a mesma função**

## As ações realizadas pelos sindicatos governistas da CUT para 'ajudar' os bancários nesta Campanha Salarial

**ISONOMIA** – Os sindicatos filiados a central governista (CUT) e seus aliados estão convocando um Encontro Nacional Aberto de Isonomia em São Paulo no final de julho, início de agosto. Ocorre que este Encontro de Isonomia é somente para os funcionários da CEF, como resolução do último CONCEF realizada Guarulhos-SP (Região Metropolitana de São Paulo). Ocorre que em outros bancos públicos a questão de isonomia é tão ou mais importante do que na CEF. Exemplo disso é o Banco do Brasil que incorporou diversos bancos estaduais (Nossa Caixa, BESC e BEP), em que os funcionários egressos dos bancos incorporados tinham salários e planos de carreira melhores que os funcionários do BB. Isso sem falar da bandeira histórica de isonomia entre os funcionários pré e pós 1998. É necessário um encontro nacional sobre isonomia envolvendo TODOS os bancos com problemas em que os bancários efetuam trabalhos iguais, mas com salários e direitos diferentes.

**Diretor "de Base"** - Cogita-se no maior sindicato do país – São Paulo Osasco e Região – fazer uma mudança estatutária para instituir a figura do "Diretor de Base". Nada contra fazer o trabalho de base, mas quando a estrutura do sindicato for colocada para este serviço. O que os governistas da CUT e seus aliados querem é instituir diretores do governo para fazer trabalho político, com interesses estranhos e opostos aos da categoria bancária. O "Diretor de Base" já existe, que é a figura do Delegado Sindical, eleito diretamente pelo local de trabalho onde atua tanto no BB, quanto na CEF. Se a preocupação é o fortalecimento da organização de base, então que os sindicatos instituam, nesta campanha salarial, a figura do delegado sindical em todos os bancos (públicos e privados), com todas a prerrogativas como inamovibilidade e estabilidade de emprego, e não fazer do sindicato mais um cabide de empregos para os "companheiros" ferrarem com a categoria. Se a proposta de "Diretor de Base" passar em São Paulo, isso pode ser "exportado" para outras bases do país todo.

**SATÁDER E CUTISTAS: A DUPLA DINÂMICA PARA IMPEDIR A LUTA DOS BANCÁRIOS** – Os sindicatos vinculados a CUT/governo aprovaram a renovação do atual acordo coletivo (aditivo) a margem da campanha salarial. Embora tivessem alguns penduricalhos a mais em relação ao acordo antigo, há uma péssima novidade: O acordo tem validade de dois anos. Logo, os bancários do Santander não poderão discutir o acordo no ano que vem. Isso é o sonho dos banqueiros e do governo, pois isso aferreça a organização dos bancários em torno de seus interesses. A justificativa dos sindicalistas governistas para tal acordo é que "O período de validade por dois anos dará mais tranquilidade a todos"....só se for para os banqueiros, aliados do governo.